

CONTOS SABOROSOS
COMÉDIA E DRAMA DA VIDA REAL E IRREAL

Volume 04

JORGE BAPTISTA DE FIGUEIREDO

CONTOS SABOROSOS – Comédia e drama da vida real e irreal

Prefácio

Esta é mais uma jóia de raríssimo brilho, engendrada pela “cuca fresca” do seu autor, que continua a nos impressionar e surpreender, não apenas com a qualidade da narrativa, mas com a escolha dos temas abordados, sempre fatos do quotidiano que, como ele mesmo afirma, “comédia e drama da vida real e irreal”.

Ao amigo “Figueiredo”, renovo os meus sinceros votos de sucesso.

Raimundo B. S. Jesus

Nota do autor

Caros leitores,

Este é o quarto livro desta série. Em muito breve outros estarão fazendo parte do conjunto.

Esperando que tenham agradado a todos, aproveito a oportunidade para agradecer pelo incentivo.

O autor

ÍNDICE

1 – Zé do Couro

2 – Mistério em Piuma

3 – Amor eterno amor

4 - Acasos

5 – Operário padrão

6 – Bilhete da feira

7 – Zé das Calotas

ZÉ DO COURO

Lá pelos últimos anos da década de cinqüenta, Salvador (Bahia), era ainda uma província onde o turismo que acontecia era basicamente o doméstico, onde realmente a única atração era o Mercado Modelo, velho e caindo aos pedaços, com seus bares “pé sujo” no andar térreo e os dois restaurantes no andar superior, aliás, diga-se de passagem, os únicos onde praticamente podia-se comer decentemente.

Nos finais de semana os pés sujos do mercado enchiam-se de trabalhadores que iam ali saborear o caldinho de lambreta e as gostosas batidas de frutas, principalmente as de maracujá, os poucos turistas fartavam-se com as comidas baianas do andar superior, onde o Camafeu de Oxossi e a Mãe Menininha, os dois restaurantes de comidas típicas, davam conta do recado, com seus excelentes pratos.

Restavam ainda as compras dos indefectíveis berimbau, das bolsas de palha e das fitinhas de Senhor do Bonfim, quem fosse à Salvador e não comprasse os três itens, não tinha ido à Bahia.

Não sei se ainda é assim ou os costumes mudaram, quem nascia em Salvador não era Baiano, era soteropolitano, diferenciando-se dos demais mortais nascidos em qualquer outro município do Estado, aqueles sim, eram baianos.

No começo de sessenta, com a expansão da Refinaria Landulpho Alves, em Mataripe e a construção de indústrias que formaram os polos petroquímicos e um grande crescimento de outras indústrias, a Bahia explodiu e tornou-se com a chegada de trabalhadores de todo o Mundo, esse monumento de Estado onde o Turismo Internacional é um dos carros chefes.

Mas a família Pereira, não esperou nada disso acontecer e muito antes do “boom”, arrumou as tralhas e rumaram, pai, mãe e filho para o Rio de Ja-

neiro, Capital da Republica, onde supostamente estavam o ouro e o progresso.

Por intermédio de uma parente que há muito se mandara para a Capital, conseguiram adquirir uma laje, numa dessas favelas da zona sul da Cidade e ali se estabeleceram.

O pai, Ranulfo, conseguiu emprego de servente em uma grande Empreiteira e, trabalhador como era, logo foi promovido e a merreca melhorou.

A mãe Josefa, se virava como podia, principalmente na cozinha, onde mandava bem e fornecia comida baiana para quem aparecesse para comprar, conseguindo assim uns extras para ajudar nas despesas da casa.

Restava o filho, Zé, Zezinho, José, que preferia vagar pelo morro, olhar as coisas, mexer com quem estava quieto, paquerar as minas, fazendo-se de gostoso, gostava das branquinhas, mas o produto era escasso lá em cima, aos sete, oito anos, já es-

tava acompanhando os ensaios da Escola de Samba da favela. Vale à pena lembrar, que naquela época, favela era favela, negro era negro, preto, pretinho, cego era cegueta, sem mão era maneta, sem punho era deficiente, e assim por diante. Todos eram amigos, não havia esse negócio de bulling, todos se respeitavam, branco, preto, sem mão, sem perna, era tudo igual. Agora não, agora tem a separação por tribo, finalmente evoluímos.

Água só no bicão lá embaixo, no pé do morro, esgoto era a céu aberto banheiro sem privada, onde imperava o “pombo sem asas”, que não tinha endereço certo para pousar.

Zézinho crescendo, a favela crescendo, as necessidades idem, Zezinho ali sem fazer nada, necessitando de tudo, já tocando seu tamborim como gente grande, tinha uma habilidade incrível com o instrumento. Observa daqui, pensa dali, emprego nem pensar, sacou um idéia brilhante, trabalhar por conta própria.

Nessa época, o Rio de Janeiro, era o reduto da malandragem, Lapa, Praça Mauá, Cinelândia, punquistas, malandros, malandro não era assassino, não assaltava, não dava tiro, brigas de mãos limpas, bandido dava golpe, não matava, não usava revólver, limpava os otários na mesa de sinuca, na punga, na conversa, existiam aos montes, Miguelzinho, Meia Noite, Edgar, Madame Satã, Carne Assada e uma infinidade deles, a verdade é uma só, enquanto houver otário, vai haver esperto.

E Zé se encaixava ou pensava que se encaixava no grupo dos espertos, o negócio dele era uma Galeguinha, via uma lourinha, já se engraçava logo.

A oferta de peles andava pequena e Zé bolou a grande sacada, pele de gato prá tamborim, churrasquinho do dito cujo, além de “pé de coelho” prá dar sorte, “rabo de coelho” prá não sei o que.

As peles começaram a aparecer, o churrasquinho ia ficando falado, famoso, todos gostavam, carne de primeira etc e tal, amuletos prá dar sorte, tinha até